

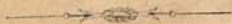
CONSELHEIRO RUY BARBOSA

Conferencia Abolicionista

REALISADA A 7 DE JUNHO DE 1885

NO

THEATRO POLYTHEAMA DA CORTE



B A H I A

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO DA BAHIA»

101—Praça Castro Alves—101 A

1885





JÁ está feito o maior dos elogios ao trabalho que nestas paginas reproduzimos: é uma conferencia abolicionista de Ruy Barbosa.

O espirito mais culto das contemporaneas e de muitas das extinctas gerações brasileiras, honrando a tribuna popular, elevou-a, com o prodigioso vigor do seu talento e com a illustração excepcional de sua palavra, a alturas até agora inacessiveis e desconhecidas.

As mais perfectas e ousadas fórmas oratorias; a synthese profunda e correctissima de uma somma enorme de estudos em uma combinação brillantissima e eminentemente artistica de imagens e conceitos; a lucidez poderosa e irresistivel da sciencia habitual e magistralmente manejada, vista atravez do forte e esbatido colorido de uma con-



capção potente, e em aquilíneos vôos tingindo os raptos audaciosos nessa luz em que só se banham o sol e o genio, eis o que deslumbra na obra prima do grande orador.

Quem conhece das mais illustres tradições britannicas o impetuoso e apaixonado fogo das orações de O'Connel, a imponente e magestosa dialectica da critica historica dos discursos de Macauley, a ironia pungente e despiedada das satyricas objurgatorias de Wetherell, a analyse positiva, calculada, imperturbavel, aguçada pelas mais finas e polidas armas, aniquilando o adversario quando parece querer poupal-o, aquella flexivel, porém energica, incompressivel estructura da eloquencia de Peel, comprehenderá em que escola educou-se a illustre individualidade, a mais admirável das

nossas glorias politicas e tribunicias, que conseguiu dos grandes oradores inglezes apropriar as qualidades mais brilhantes, consoreciando-as com uma cultura intellectual mais adiantada e não menos perfeita.

D'entre as mais notaveis produções do espirito liberal, em lucta com os erros de uma politica irremissivelmente condemnada, que mal se sustenta pelo ouro falso das glorias militares, ou pela pseudo-prosperidade comprada á eusta da dignidade e coragem civica de mais de um povo, e celebrada pelo genio diplomatico ou pela burguezia honestidade de mais de um estadista; d'entre os mais vehementes e rigidos protestos do moderno liberalismo contra o bismarckismo socialista, ou contra o conservatorismo-liberal dos



neo-reformadores, que dão liberdade e pão aos povos, como os Cesares romanos, em dias de gala, e para abafar o rumor queixoso da plebe, com os applausos em honra á sua vaidade; d'entre as reclamações intransigentes e possantes contra a sophisticação usurpadora das conquistas do seculo que faz o aristocrata prussiano, ministro do mais poderoso despotismo militar, arvorar-se em defensor arrogante das classes desprotegidas, e leva, no Brasil, os senhores feudaes de um territorialismo arruinado e escravo, constituidos em classe privilegiada, a decretarem a liberdade, que estava prestes a ser conquistada, como uma enorme e generosissima concessão, que o paiz pagará, sacrificando-se pelos novos benemeritos da patria, os aposentados da lavoura; d'entre o

que a evolução politica e economica dos modernos tempos orientou nos discursos de Lasker, de Bamberger, de Richter contra o socialismo-bismarckino, e as orações de Joaquim Nabuco, José Bonifacio e Ruy Barbosa contra o pseudo-liberalismo da situação actual, a conferencia que publicamos terá o logar de honra que pertence áquelle que a fez, realisando, com o vigor de um numero menor de annos, o que não foi excedido pelo estímulo de um mais amplo scenario e de uma vida mais longa.

Alóra a franca e rude energia do velho militar, alóra o genio audaz e indomavel do grande chanceller; alóra a pequena distancia que separa a unificação do maior dominio do mundo da libertação do voto que faz camaras dos Srs. José Pompeu e



Sinimbú Junior; afóra estas diminutas differenças, nota-se entre a politica do mais poderoso e do mais *fainéant* dos imperios do mundo esta singularissima semelhança: têm ambas o seu homem necessario.

Elle não exprime as idéas de nenhum dos partidos; não têm justas dedicações em nenhum delles; porém ambos o apoiam. Só não governa quando não quer; e não se sentindo com a organização de ferro do velho chancellor, conhece e aproveita os momentos opportunos. A sua incorruptivel honestidade absolve-o aos olhos do vulgo, não só dos defeitos de sua educação politica, como da completa e franca indifferença com que elle se desprende de toda e qualquer doutrina ou interesse

partidario para attender ao que suppõe ser de conveniencia occasional para o paiz.

O autor da conferencia abolicionista conhece o perigo que correm as instituições liberaes com esta nova phase de usurpação que vae atravessando o paiz: tivemos o periodo da corrupção napoleonica, do despotismo constitucional, representativo e parlamentar, de que fallou o nobre presidente do conselho em sua memoravel carta; atravessamos agora a phase do autocratismo fetichista de um chefe necessario que tem em suas mãos o poder executivo moderador e legislativo, que é o primeiro no paço, no ministerio e na camara, e que decide da sorte das reformas reclamadas pela nação, sem a minima violencia, só pelo medo que têm todos de que elle deixe o poder.



Esta fórma honestissima de nullificar respeitadamente todos os poderes, dando-lhes plena liberdade de não prescindir de quem se julga e é julgado necessario; esta attitudo inoffensiva do chefe politico, instado pelos adversarios para governar, que impõe a seu partido a escolha entre o vencer, acompanhando-o ou o ser por elle derrotado com os votos do partido contrario; esta curiosa omnipotencia, que, alem de tudo, nutre a intima convicção de prestar um relevantissimo serviço ao paiz, é a feição singular e original da situação politica do imperio.

A intuição superior do illustre abolicionista, advogando a nobilissima causa que esposou, revolta-se pela cultura eminentemente liberal do seu espirito

contra esta especiosa anomalia da nossa fórma de governo.

A actual reforma eleitoral, que assegurou o direito de representação das minorias, não conseguiu, entretanto, dar a maiorias e minorias esse poder que lhes faltava hontem e que inda hoje ellas não têm: o de exprimir a vontade da nação.

Mais do que a comprehensão falseada ou nulla que tem o cidadão brasileiro dos seus direitos e deveres politicos, mais do que os vicios de origem e organização dos partidos, mais do que a influencia abusiva dos governos, mais do que o audaz cynismo das machinações depuradoras, ha um poder que, constituido como se acha, frustrará sempre o exercicio do *self government* do paiz: é o senado vitalicio.



E' o senado sempre conservador ou antes reaccionario, qualquer que seja a côr politica ou o gráo de instrucção da maioria dos seus membros.

E' o senado que derruba ministerios, que faz e desfaz situações, que confecciona as reformas como lhe apraz.

O presidente do conselho é sempre senador, e no ministerio elle é tudo, embora dêem ás vezes á camara a irrisoria maioria numerica dos ministros. E quando, por acaso, destaca-se d'entre os homens do senado o espirito adiantado de um Dantas, José Bonifacio ou C. Ottoni é a camara compellida a divorciar-se de quem melhor devia estar identificado com o seu voto e com as aspirações do paiz.

Emquanto que os chefes politicos inglezes mais

prestigiosos não deixam a camara dos communs para conservar a necessaria e activa influencia na direcção de seus partidos, o senado brasileiro a cada um daquelles que conseguiu galgar essa eminencia investe da aptidão e do poder de dominar os que o elevaram e que, apesar desta esteril e criminosa sujeição, continuam, elles somente, em lucta cerrada, a correr todos os perigos, entretendo a fidelidade das adhesões, ou conquistando o apoio da opinião.

O partido liberal que se resigne a esta vitalicia tutella.

Os senhores deputados sabem que quem indica os candidatos nas provincias e quem organisa as listas ministeriaes são os chefes do senado: votem hoje o contrario do que sustentavão hontem; cer-



quem hoje de apoio e confiança o chefe que esteve hontem e que ainda se conserva com seus adversarios; junjam-se ao carro triumphal daquelle que hontem os qualificava de loucos e facciosos; façam isso que ha um motivo que attenualhes muito a responsabilidade: os senhores deputados são menores, obedecem ao serado.

E estas luminosissimas apostrophes, estas co-leras sagradas do grande orador, a justiça implacavel dessa critica monumental, que é o que póde fazer?

Hoje, apenas fechar uma questão no estreito espaço de uma camara de eunuchos para poder atíral-a de novo aos braços viris e energicos da propaganda; amanhã, rasgar novos horisontes ao

futuro do paiz, derrubando estas velhas bastilhas onde se põem algemas em todas as idéas liberaes.

Ao integro abolicionista, que teve a suprema dedicação por seu partido de romper com todas as conveniencias e interesses de uma subordinação, que neste paiz é a melhor senha para subir, e que na provavel perspectiva de ficar só, não hesitou em assignalar o falseamento da situação actual, não podem os liberaes que não acceitam a cumplicidade desta subversão politica deixar de entusiasticamente applaudir.

Quando os futuros acontecimentos provarem que a evolução do liberalismo no Brasil, embaraçada, cercçada pelos seus chefes, condæziu, por influencia destes, o paiz ao luctuoso abysmo das revoluções, a voz potente do illustre orador echoará ?



nessas ruínas como a repercussão vingadora da sentença inexorável da posteridade.

E o teu nome, esforçado liberal, luctador incansável, ha de pairar sobre a valla enorme dos justificados da historia com o espirito das futuras gerações, levantando o novo reinado da liberdade e do direito!

---

# DISCURSO

DO

CONSELHEIRO RUY BARBOSA.

---

**O Sr. Ruy Barbosa** (*Applausos*): — Minhas senhoras. Meus senhores. — Depois de agradecer á Confederação Abolicionista, benemerita da humanidade e ainda mais benemerita da patria, a honra da missão que me delega, deixae que principie saudando esta tribuna. Eu a reconheço, e saúdo, — á tribuna do povo, a que deve estar em toda a parte onde pulsa a arteria da vida nacional, a que não nasce das constituições escriptas, nem se subordina a instituições ephemeras, o órgão espontaneo, omnipresente, indestructivel da consciencia publica, que as reacções embandeiradas no poder acordam, vibram, agigantam, multiplicam de extremo a



extremo nos paizes livres, como ondulações expressivas da crosta terrestre á superficie de um solo abalado pela agitação da lava interior. (*Muito bem.*)

Do alto della, no período, por assim dizer, de suas primeiras balbuciações, bem longe daqui, na patria de José Bonifacio, que o escravismo entregou ao Sr. Moreira de Barros, coube me, ainda estudante, consagrar a minha vida á civilização de minha patria, protestando, com a lei de 7 de novembro em punho, contra a illegalidade impune, victoriosa, opulenta do captivoiro, sacudindo a verdade inflammada do direito ás faces da pirataria triumphante sobre a ruina da lei e dos tratados. (*Applausos.*)

Do alto della, hoje, dezeseis annos depois, desilludido pelas decepções publicas que nos envergonham, penitente da nossa credulidade na transigencia dos interesses negreiros, ensinado por uma experiencia de fel a conhecer as olygarchias corrilheiras que nos governam (*applausos*), venho annunciar-vos que cessou a quadra da esperanza, mentirosa ludibriadora da vossa honra, e só nos resta o combate. (*Applausos.*)

E o combate é a palavra; é a tribuna; mas esta: a tribuna popular! (*Applausos.*) Não aquella onde sob a vossa responsabilidade se fazem leis que vós detestaes (*applausos*); onde, em nome da

soberania popular, governa a soberania das aldeias (*applausos*), dos coroneis manda-chuvas e dos magistrados politicos; onde o terceiro eserutinio calunnia e enxovalha o povo, sancionando fraudes que os tribunaes judiciarios de outro paiz arrastariam ao tamborete dos réos (*applausos*); onde se diz ao Ceará redempto: « Não fallarás aqui senão sob uma mascara de escravo! » (*applausos*); de onde se expelle o Recife altivo, com este escarneio: « Nós é que nomearemos o teu mandatario ! Serás representado pelas senzalas do teu sertão ! » (*applausos*); onde o Sr. Affonso Penna é o fiel da justiça devida aos abolicionistas e aos escravos (*muito bem*); onde o eito legisla a reforma servil (*applausos*); onde a moral é a tramoia; onde a alliança de duas minorias emperradas, enfezadas e esturradas vingá-se do paiz, que as deputou a exprimir a opinião do eleitorado sobre o projecto 15 de julho, com um silencio de acinte, com uma fuga systematica, com uma pertinacia de deserções e sancadilhas que burlaram uma dissolução, esterilizaram duas convocações extraordinarias, absorveram em trabalhos preparatorios tres mezes e meio, consumiram sommas enormes em subsidio ao caldeirão da cosinha parlamentar (*applausos*); unicamente para ficar demonstrado, em glorificação das camarilhas, que o parlamento, creado para ser a boca independente <sup>10</sup>



de uma nacionalidade, pôde converter-se na morada de um povo. (*Acclamações.*)

Povo de meu paiz, é preciso lançar fóra esse açamo, e fallar! Comprehendo a vossa immobildade: não é resignação servil; antes dá-me a lembrar o *lion che posa*, de Dante. Submetta-vos embora o obscurantismo official a todos os prestigios e a todas as violencias do seu uso: não fará de vós o rafeiro da escravidão. (*Applausos.*)

Esta immensa reunião que me cerca, não é um ajuntamento de curiosos: é uma expressão nacional, uma redução da sociedade, em todos os seus elementos sãos, sob o dominio de uma idéa. Enquanto, na Cadeia Velha, o desdem do preconceito fossil, na boca de certos fidalgos por obra do tráfico (*riso*), soletra com dous *gg* e tres *rr* o epitheto de *negro*; enquanto os nossos estadistas-móres, absortos na gestação de mundos futuros, olhara com fastio a questão negra como trambolho, por cuja remoção não vale a pena brigar, e a que não se dignam de descer, senão para poupar massadas maiores aos camaradas que vierem depois (*applausos*), vós está-se vendo, vós, pelo contrario, percebeis que essa entidade despresada, a cujo respeito dizia, na America, Frederico Bromer: «A sorte do negro é o romance da nossa historia» acabou por tornar-se tambem a chave de toda a nossa politica, o alpha e o omega dos nossos go-

vernos, das nossas situações e dos nossos partidos  
(*Applausos.*)

Em verdade, senhores, poderíamos hoje dizer como os abolicionistas americanos em 1861: «Todo o nosso passado, todo o nosso presente, todo o nosso futuro nos estão impondo, no momento actual, a necessidade de cogitarmos exclusivamente *no negro.*» (*Apoiados.*)

Bem sei que esta nossa ingenuidade amanhã despertará sorrisos contrafeitos na excelsa cõrte d'el-rei Café. (*Riso.*) Dir o que esta assembléa   o parlamento dos que nada têm que perder. (*Riso.*) Mas, enquanto o Sr. A. Figueira lhes não descobrir molde de reforma, que nos ponha nas mãos a enchada servil, e mande engrossar a escravaria das fazendas com os abolicionistas que infestam a capital do imperio, como quizera o *Diario do Brazil* (*riso*), h o de ir-se contentando em metter   bulha a incapacidade política dos que, como o gabinete 6 de junho, presumem poder assentar uma reforma nas classes populares, e não immolam o culto intelligente dos principios ao feiticismo de uma escola de estadistas que não querem aprender nada. (*Applausos.*)

«Esses são os vossos estadistas, os homens que comprehendem a sua epocha, e modelam o futuro?» dizia, em circumstancias analogas, o grande orador do abolicionismo na União Americana. «O homem »



que sabe interpretar o seu tempo e amoldar segundo as suas idéas o porvir, é, ou não, o estadista? Pois bem! Esses dedicaram-se aos bancos, ás tarifas, aos melhoramentos interiores, ás questões constitucionaes e financeiras, e bradaram á escravidão: «Atraz! Aqui não se entra! Nós nos alliámos contra vós.» Mas então surgiu um pobre operario typographo, que, dentro em breve tempo, conseguiu obrigar-os a não fallarem mais senão unicamente na escravidão. Elle dissipou essas sombras gigantescaes — bancos, tarifas, questões financeiras, questões constitucionaes — e a escravidão, como aquella cabeça colossal do romance de Walpole, ergueu-se, e encheu todo o horisonte politico.» (*Applausos.*)

E' uma ebulição superficial, insistem os nossos antagonistas. Sim? Mas as bolhas de espuma que branqueam á tona das vagas, annunciam a voragem a lucta perenne entre o alcali e o acido, as revoluções que se operam mudamente nas profundidades incommensuraveis, onde não penetra a vista do nauta, nem o scaphandro do mergulhador. (*Applausos.*) Nós somos um cachão que referve e borbulha á flor d'agua, de encontro ás fragas de um cachopo rebelde; mas abaixo de nós está o golphão, está o oceano, *pater oceanus*, creador e subversor de continentes, está a consciencia nacional, a onda infinita e eterna. (*Applausos.*)

Foi d'ahi que emergiu o projecto Dantas, como raio do dia vindouro, que o astro ainda escondido nos mares escuros projectasse de longe sobre o topo de um serro. (*Applausos.*)

Allirma o honrado senador Saraiva que a nação não queria, não quer esse projecto. Mas que nação? A nação fabricada no pardieiro da rua da Assembléa? (*Applausos.*) A nação desses elementos obscuros, informes, embryonarios, que a draga politica dos circulos e do triplice escrutinio vae buscar nas camadas sedimentarias e nos detriectos mortos do paiz? (*Applausos.*) A nação que prevarica ao mandato da nação, esquivando-se criminosamente ao debate sobre o projecto Dantas? (*Applausos.*) A nação do Sr. José Pompeu?—(*Oh! Hilaridade.*) A nação da Barra do Pirahy? A nação dos lynchadores do Rio-Bonito? A nação dos mashorqueiros de Campos? (*Applausos.*) Deve ser essa; porque a outra é a que sentiu pela medulla a impressão de um sudario, ao advento do ministerio 6 de maio, apparição spectral, que veio do imprevisto e do silencio, como a morte, e foi saudada pelo alvoroço dos inimigos dos escravos. (*Applausos prolongados.*) Mas a mortalha do projecto 12 de maio não mudou o vivo em cadaver. (*Applausos.*) O coração da patria continúa a palpitar vigorosamente— está palpitando aqui! —nessa popularidade do ministerio 6 de junho, o unico governo, 12



nos ultimos cincoenta annos de nossa historia politica, que sobreviveu a si mesmo, cahindo coroado pela estima geral, e, depois que já não aconselha a corôa, é mais do que nunca o aclamado conselheiro da opinião. (*Repetidos applausos*).

E o projecto Saraiva de onde vem? Do engenho do nobre presidente do conselho. (*Applausos*.)

Senhores, esta allusão não encerra um depreciativo. Primeiramente, o logar da origem não é um sello de inferioridade: Jesus da Galiléa veio á luz num presepe, e dizem teve por primeira testemunha da boa nova o mais humilde dos animaes que a idade média depois semi-divinizou nas suas lendas,—*pulcher et fortissimus*. (*Riso*.) Depois, ninguem, e muito menos S. Ex., me pôde suppôr o intento de desrespeitar o honrado presidente do conselho. S. Ex. sabe que nunca teve ás suas ordens soldado mais prompto, nem collaborador mais devoto. Accusam-me de extremos exagerados pelo meu presadissimo amigo o Sr. senador Dantas. Nunca, entretanto, lhe rendi homenagens eguaes ás que tributei mais de uma vez ao Sr. presidente do conselho. Fui um dos cooperadores mais sinceros para a aureola do seu nome, que hoje deploro ver tão esbatida pela attitude politica de S. Ex. na questão servil.

Na obra em que S. Ex. poz as melhores esperanças de sua fama, a reforma de 9 de janeiro,

não teve o honrado senador socio mais intimo de trabalho e lucta do que eu, quanto o permittia a humildade de minhas aptidões. Fallo sem desvanecimento; porque, se, na reforma eleitoral de 1881, ha immensa parte de merito, pois com a eleição directa, creou-se no paiz o voto popular, que apenas nominalmente existia até então, são, todavia, consideraveis os descontos que ella encerra contra si na severidade do censo, na dualidade do eserutinio, na singularidade dos circulos. (*Apoiados.*)

Posso enunciar-me hoje deste modo; visto que já o fazia no ultimo anno da legislatura passada, em que muitos deputados empregámos diligencias esforcadissimas, baldadas pela divergencia de um ou de dous chefes liberaes, com o fim de abrir entrada auspiciosa e passagem segura, na camara dos deputados, a um projecto já redigido e geralmente acceito para remedio a esses inconvenientes fataes da reforma de 1881.

Corresponsavel na culpa, eu posso dizer que nunca se commetteu neste paiz maior erro. A influencia desses tres vicios organicos é incompativel com o governo parlamentar. Elles, especialmente os circulos de um representante, acceleram, com uma velocidade assustadora, a decadencia do regimen constitucional.

O systema dos circulos uninominaes (fallo agora)



particularmente delle) dissolveu os partidos no egoismo das candidaturas particulares, cuja força, no maior numero de casos, está na rasão inversa da superioridade politica dos candidatos; fez da mediocridade e da incompetencia a regra forçada na organização dos gabinetes, submettendo-a, graças á necessidade anachronica da reeleição, á caudillagem de parochia; entronisou a injustiça na administração, captivando ás exigencias da afilhagem local todas as espheras de serviço, moralidade, merecimento, direitos adquiridos, carreiras technicas, magistratura, milicia, professorado, engenharia; excluiu dos habitos do eleitorado o sentimento patriotico, que se educa pela consideração dos interesses geraes; do espirito dos deputados a elevação, que vive pelas idéas; da posição dos ministros a autoridade, que não existe sem a autonomia administrativa e a segurança parlamentar; das deliberações da camara a lealdade, que não pôde consorciar-se longamente com a vida guerrilheira. (*Applausos.*) E que fez do parlamento? Um mosaico de extravagancias; um escriptorio de encommendas da roça (*riso; applausos*); uma feira de favores pessoaes; uma casa de solicitação, camaradagem e compadrio; uma reproducção do campanario, no sentido mesquinho, carrança, antipathico desta palavra — uma sacristia, com um cabo de policia, um curandeiro e uma engenhoca

de bois — (*hilaridade prolongada : applausos*); o campanario sem escola, com o seu horisonte de legua e meia, a sua ignorancia da patria, as suas intrigas de soalheiro, a sua politica de comadres, o seu pessoal de rabulas, a sua medicina de emplastros, a sua sciencia de feitiços, a sua religião de manipaços, a sua litteratura de folhiuha, o seu commercio de cevados, a sua industria de tamanços, as suas finanças de meia pataca, os seus partidos de confraria, as suas idéas de cartilha. (*Hilaridade prolongada durante todo este periodo e applausos.*) Um parlamento com o ventre de Gargantua para devorar ministerios a esmo (*hilaridade*) e pés de kagado para acompanhar o desenvolvimento progressista do paiz. (*Applausos.*) O epigrammatico parlamento do Art. 20 (*riso*), que pendura á sua porta como brasão de armas a carta immortal do Sr. Lafayette. (*Applausos.*)

Acompanhei o honrado conselheiro Saraiva nessa reforma, fascinado pelo prestígio com que actuava em mim a veneração geral dos mais velhos, dos mais experientes, dos mais abalisados para com essa autoridade excepcional. Sou, portanto, insuspeito em relação a S. Ex.; e, fazendo confissão publica do meu erro, julgo firmar direito a enunciar-me sem constrangimento sobre os erros alheios, ainda quando sejam os do nobre presidente do conselho. (*Assentimento.*)



Não vae, portanto, intuito de menoscabo em dizer que o projecto de S. Ex. emana da sua condição de senhor de engenho. O meu fito consiste apenas em assignalar a incompetencia especial do nobre senador nesta questão. O illustre Sr. José Bonifacio, cujas ultimas orações pelos escravos hão de marcar epocha na historia da grande eloquencia parlamentar, poz o dedo na chaga da situação: a emancipação dos captivos não póde sair da cerebração de um fazendeiro. (*Applausos.*)

Este asserto não fere absolutamente a respeitabilidade do nobre presidente do conselho; não se contrapõe á independencia do seu character, ás suas qualidades moraes. É simplesmente um enunciado historico e um enunciado physiologico. O Sr. Saraiva não está acima das leis naturaes; o seu encephalo é do mesmo tecido que o nosso. A escravidão gera a escravidão, não só nos factos sociaes, como nos espiritos. (*Applausos.*) O captivo vingá-se da tyrannia que o explora, affeiçoando-lhe a consciencia á sua imagem. (*Applausos.*) O grande proprietario de escravos é principalmente um producto moral do trabalho servil. (*Applausos.*) Póde comprehender a benevolenciã, a caridade, a philantropia individual para com os opprimidos. Mas não lhe é possivel a iniciativa heroica de uma reforma que revolva pelos fundamentos a massa servil. (*Applausos.*)

A intuição desta evidência, cujo sentimento o grande orador paulista assignalou entre os emancipadores francezes, já muito antes se produzia em Inglaterra. Brougham, em 1820, dizia: « *De possuidores de escravos é baldado esperar, sequer, a execução activa de lei contra o captiveiro. Como pois, iríamos confiar aos senhores de escravos a tarefa de fazer essas leis?* (Applausos.)

Antes de Brougham, trinta annos antes, Canning dissera: « *Sentido! Não vades entregar a proprietarios de escravos a incumbencia de formular leis contra a escravidão. E' missão que não lhes podereis confiar nunca enquanto a natureza humana for o que é.* » (Applausos.) São palavras de um estadista conservador: devem calar no animo ao nobre presidente de conselho. (Riso.)

Nunca uma verdade antiga recebeu confirmação mais solemne do que a que S. Ex. acaba de dar a esta. O projecto de 12 de maio é uma constrangida visagem da liberdade entre os gilvazes de uma face retalhada de escravo. (Applausos.)

Quando o projecto 15 de julho se levantou no parlamento, o escravismo recebeu-o a tiros de canhão, como as colonias francezas, no fim do seculo XVIII, ao navio portador do decreto da revolução que abolia o captiveiro. Quando o Sr. Saraiva bosquejou, na camara dos deputados, o projecto 12 de maio, foi o Sr. Andrade Figueira quem



estendeu ao recém-nascido, nos braços do Sr. A. Penna, a toalha branca da cerimonia (*riso*), invocando o espirito que murmura nas aguas do Parahyba e paira sobre a Franca do Imperador. *Et nunc erudimini!* Eis o primeiro traço do confronto.

Quando o Sr. Dantas atreveu-se á ousada iniciativa da reforma, o movimento, nos annaes da reacção, foi unanime e desesperado contra elle. O abolicionismo fitou-o, e alegrou-se; o escravismo encarou-o, e estremeceu. Todos o entendiam porque ella era a clareza e a lisura. (*Applausos*). Vem o projecto Saraiva, e as interrogações pululam: que segredo trará elle no bojo? (*Riso*). O nobre presidente do conselho explica e reexplica; os seus scribas e glosadores commentam, soletram; os estranhos param, e saem meneando a cabeça. Ninguem estudou o projecto! Ninguem o comprehende! (*Riso*). Li não sei onde, que em um sitio da Grã-Bretanha, certa mulher dera á luz uma vez dois filhos: um branco e outro preto. O projecto 12 de maio faz-me pensar nesse parto polycromo, nos gemeos do condado de Kent. (*Hilaridade*).

Lêstes alguma vez as *Nuvens*, no theatro de Aristophanes? Esses phenomenos caprichosos do mundo aereo personalisa-os o poeta animado pelo proposito de galhofar com os mortaes habitantes

da superficie terrestre, já sob a figura de animaes fabulosos e mascarar disformes, já touros e leopardos, já centauros e lobos, ora cataduras sombrias de monstros, ora perfis vaporosos de mulheres: para cada creatura humana conforme as suas reminiscencias, as suas preoccupações ou os seus devaneios. Semelhantemente, o projecto 12 de maio depara a cada voto e a cada cabo parlamentar uma seducção, uma zombaria ou uma miragem: uma ao Sr. A. Figueira, outra ao Sr. Silveira Martins; uma ao Sr. Moreira de Barros, outra ao Sr. Felicio dos Santos; uma ao Sr. Valladares, outra . . . outra a outro senhor qualquer. (*Hilaridade*).

Senhores, os resultados de uma observação dolorosa incutiram em mim desconfiança entranhadiçima contra as nossas reformas. Não sei se já ouvi a um poeta comparal-as aos fructos do mar Morto, cujo amago é cinza. A mim, menos inclinado ás analogias lyricas, quando volvo os olhos atraz, seismando em quantas vezes tem sido embellecada a nação pelos nossos illustres empiricos, acontece passar-me pelos olhos, nos momentos menos hypocondriacos, o desfilar dos boticarios nas *Visões* comicas de Quevedo de Villegas. (*Hilaridade*.) « Armados de graes, pomadas, espatulas e seringas assassinas », diz a musa satyrica, « assoberbados de vidros cujos rotulos annunciam



remédios, e cujo interior contém venenos; enfiam nomes de simples tão brutescos, que mais parecem evocações de demonios: *Repti talmus, opoponach, post megarum, chinum, dracatholicum angelorum*. Se, porém, os abrídes, para destrinçar essa geringonça medonha, não encontrareis mais que uns nabos, uns rabanos, umas raízes inúteis ou damninhas (*hilaridade*); porque elles bem sabem do proverbio: *Ha de comprar-te quem não te conhece.* » (*Riso.*)

Mas o projecto de 15 de julho reconciliara-me com os reformadores da minha terra. O projecto 12 de maio, pois, já me não encontrou o pessimista de outros tempos. Foi sob as pressões mais benevolas que me dei ao seu estudo. Todavia, nunca uma esperança se me gelou em desengano egual.

Tenho pressa de entrar nesta analyse! O escarpello paciente treme-me nas mãos indignadas. Vós, que encheis este amphitheatro, adverti-me, se alguma vez o ferro, transviado, vos apontar num vaso são uma cellula cancerada. Mas, se erdes perceber apparencias de movimento espontaneo neste corpo, não vos illudaes; bem depressa perceberéis que são phenomenos de um galvanismo passageiro. As pilhas do artificio parlamentar estão em actividade, para simular a vida neste defunto de nascença; mas havemos de chegar até ao mus-

culo propulsor da circulação, e vos certificareis de que se trata de um organismo irritavel. (*Applausos.*)

A primeira disposição caracteriza immediatamente o projecto. O Sr. A. Figueira, que não quer absolutamente nada, e entrega a extincção do elemento servil á *liberalidade brazileira*, adhire, contudo, ao Art. 1.º Esse voto denuncia o projecto ás suspeitas, não só dos abolicionistas extremados, como de todos os amigos previdentes da emancipação. (*Applausos.*) Esse voto tem uma rasão profunda. O Art. 1.º consagra simplesmente a nova matricula. Mas essa matricula, que dir-se-hia a propria innocencia feita lei, é nem mais nem menos que uma armadilha á liberdade, um alçapão aberto contra o direito de milhares e milhares de escravos. No projecto Dantas a matricula impõe a declaração da *naturalidade*. No projecto Saraiva desaparece essa declaração. Comprehendeis? Ha aqui um mundo de extorsões. Ha aqui um confisco geral de liberdades. (*Applausos.*) Ha aqui a esponja de um escandalo mudo passada sobre o contrabando negro durante um quarto de seculo. (*Applausos.*) Ha aqui a revogação implicita da lei de 7 de novembro de 1831.

A lei de 1831 arrasta-nos até o trafico. Senhores, não vos direi a sua historia. Mas não posso passar diante dessa immensuravel serrania de



trevas, sem deter-me, aterrado e envergonhado da propria forma humana, que nos veste. O trafico . . . immensa mancha negra que encobre toda uma zona da historia; a via lactea tismada pelo pincel de um crime estupendo; uma como nebulosa escura de demonios despenhados, que se estendesse pelo firmamento, de um a outro polo. Se Dante Alighieri viesse no seculo XVIII, teria fixado o vertice dos soffrimentos inexprimiveis, o infimo circulo do seu Inferno, no porão de um navio negreiro, num desses nucleos de supplicios infinitos, que só a poesia sinistra da loucura poderia pintar; numa dessas gemonias fluctuantes, ninhos do abutre humano, que a mão da mais perversa das malfcitorias esparziu durante tresentos annos pelo Atlantico, entre as scintillações de esmeralda e saphira do céo e do oceano. (*Applausos prolongados.*)

Não vos narrarei essa historia infanda. Mas preciso assignalar-vos o character centuplamente cruel que o trafico assumiu, depois que os tratados impostos pela Inglaterra, a grande libertadora dos escravos, capitularam-no com as penas da pirataria no direito das gentes. Antes disso os navios negreiros effectuavam tranquillamente a passagem transatlantica. Depois que a vigilancia dos navios britannicos difficultou a travessia aos corsarios que abasteciam a nossa agricultura, cada centena de

africanos desembarcada em nossas praias correspondia a uma ou muitas centenas arremessadas ao mar, para assegurar a fuga ou aniquilar nas ondas o corpo de delicto.

Brougham narra essas scenas em uma pagina espantosa, que vos vou ler. (*Lé*):

«Em sendo descoberto, e percebendo que o cruzador lhe dá caça, tem que decidir o contrabandista se empregará esforços para tornar ao porto, escapando dessa feita, e aguardando mais asado ensejo, ou se velejará pelo Atlantico alem, e consummará o seu crime, alcançando as costas americanas *com parte, ao menos, do seu carregamento*. Que de inexprimiveis horrores não se abrangem na palavra que me acaba de cahir dos labios! Parte do seu carregamento! Sim; sim; porque apenas e reprobado dá fé de que o cruzador lhe vac levando vantagem na carreira, para logo lhe acode á mente alliviar o navio, e escolhe as mais pesadas mercadorias, com a mesma insensibilidade que se tratasse de objectos inanimados. Então alija ao mar homens, mulheres e crianças! E acaso primeiro as desembaraça dos ferros? Não! Porque? Porque essas cadeias com que estavam presos dous a dous, por precaução de segurança (não mais para tranquillisar os piratas tripolantes contra a insurreição dos negros do que para assegurar a carga contra o suicidio, prevenindo nos



africanos o desejo de buscarem no tumulto das vagas o termo do seu martyrio), esses ferros não se parafusam e ligam por cadeados que se possam remover em caso de tempestade ou incendio; mas são chumbados, soldados pelo ferreiro na forja, para que nunca mais se possam remover, nem afrouxar, enquanto após os horrores da travessia, os filhos da miseria não forem entregues ao captivo no mundo civilisado, tornando-se subditos de monarchas christãos! Os ferros fazem tambem as vezes de pesos; e, havendo tempo na precipitação da fuga, mais pesos se accrescentam, para que os desventurados não possam fluctuar e se submirjam. Porque? Porque o negro com essa força de que é dotado, e essas faculdades de manter-se n'agua que lhe dão quasi uma natureza de amphibio, poderia sobreviver, ser colhido pelo cruzador, e depôr como testemunha contra o assassino. Assim se prepara a escapula do malfeitor, já aligeirando o navio que o transporta, já destruindo a prova do crime. Nem é tudo. Ha exemplos de outras precauções com o mesmo fim. A's vezes enchem-se toneis de creaturas humanas. Um só navio alijou doze pipas cheias de homens. Noutra caça aos piratas, em que dous navios forcejaram em vão por evadir-se, os contrabandistas, nessa tentativa, arremessaram ao mar quinhentas creaturas humanas de todas as edades e sexos. Esses factos são relata-

dos . . . por officiaes inglezes em serviço da rainha. Quando . . . uma vez eram perseguidos dois navios. De longe os nossos marinheiros viram lançar de bordo ao mar um negro, outro, até cento e cincoenta, de todas as edades, os mais velhos e fortes carregados de ferros, para que não pudessem nadar ou boiar á tona d'agua; os mais fracos sem cadeias para irem ao fundo, e morrerem. Esse horrivel espectaculo passou-se aos olhos dos nossos cruzeiros. Elles viram, não lhes permittindo a distancia acudir, aquellas miserandas creaturas, os homens afundando-se acorrentados, as mulheres e — pungente scena! — os meninos, as criancinhas bracejando debilmente nas ondas, até serem tragados pelo mar e desaparecerem. »

Foi com esse curso inexprimivelmente abominavel que a fraqueza das autoridades brazileiras condescendeu durante vinte e um annos. Pelo tratado de 23 de novembro de 1826, celebrado entre a corôa de Inglaterra e a corôa do Brazil, o transporte de africanos para este paiz começaria a ser tratado como pirataria desde março de 1830. « Não obstante, os documentos apresentados em 1831 ao parlamento britannico mostram que, só no anno anterior, as costas do imperio receberam *cem mil escravos*. Para que os corsarios negros pudessem despejar aqui esse numero de captivos, era preciso terem embarcado pelo menos duzentos



ou tresentos mil negros no littoral africano. (*Sensação.*) A lei de 7 de novembro de 1831, longe de pôr cobro a essa vertigem, que sepultava annualmente nas ondas centenas de milhares de vidas, foi ludibriada pela grande propriedade e pela conivencia villã do governo durante vinte annos, que demarcam a phase mais cruel da historia do trafico africano. Mas o parlamento e os ministros brazileiros nunca cessaram de reconhecer que a lei nacional e internacional de 7 de novembro continuava a fazer parte do nosso direito positivo. Attestam-no os annaes parlamentares de 1848, 1850, 1852, 1853.

Deixou ella de vigorar dahi em diante? Porque? Pelo desuso? Senhores, contra a liberdade não ha prescripção, não ha perempção, não ha commisso. (*Applausos.*) Nós os abolicionistas não temos a este respeito vislumbre de duvida; a lei de 7 de novembro subsiste tão perfeitamente em 1885 como subsistia em 1831. (*Applausos.*) Submettam a questão a um tribunal de juriscóntultos, num paiz onde o captiveiro não tenha depravado o senso juridico, e desafio os advogados da escravidão a que obtenham outro parecer. Felizmente os tribunaes brazileiros por muitas sentenças, nestes ultimos annos, têm enveredado a jurisprudencia por esse camiuhó. Honra a elles! (*Applausos*) Como quer que seja, porém é um caso de

applicação de lei. Cabe aos juizes decidil-o. Que faz, pois, o projecto 15 de julho? Deixou a lide aos seus sentenciadores naturaes; manteve aos tribunaes a sua liberdade de acção constitucional. (*Applausos.*) Que faz o projecto 12 de maio? Cassa, com um traço de penna, a liberdade assegurada ás victimas da pirataria africana pela convenção de 1826 e pela lei de 1831. Diz aos tribunaes: vossa jurisdicção cesson; eu sou a lei; estendo o meu manto omnipotente sobre a infamia do contrabando servil; canoniso-a, e prohibo-vos que lhe toqueis. (*Sensação. Applausos.*) Senhores, isto se tentou fazer em 1837; mas o projecto da camara dos deputados cahiu no senado em 1850. Entre os votos que se oppuzeram á consummação desse attentado incomparavel sobresaie o do Sr. Cotegipe. Tenho a satisfação de assignalar mais uma vez essa nobre acção de um adversario meu, a quem jamais poupei, nem quero poupar. O senado brasileiro declarou, portanto, em 1850, a irrevogabilidade da lei de 1831; é a pagina mais civica da historia dessa instituição. (*Applausos.*)

Pois bem, senhores: esse impossivel de 1850 acaba de achar realisação agora na reforma *abolitionista* do governo. O Art. 13 do projecto de 1837 o *artigo monstro*, como lhe chamou Nunes Machado, entrou por obreção, por uma reticencia<sup>20</sup>



feliz, no projecto de 12 de maio de 1885. E nunca mais os africanos illegalmente escravizados pelos ladrões de carne humana (*applausos*), nunca mais os miserandos descendentes desses desgraçados poderão exorar a justiça dos magistrados brasileiros em nome da lei de 7 de novembro! (*Applausos*.) Está lavada a memoria dos piratas (*applausos repetidos*)... em homenagem á tranquillidade da lavoura (*Riso. Applausos*.)

E eu sou liberal, e hei de deixar correr isto sob a responsabilidade de meu partido? Senhores, não tenho aqui mandato algum, senão o da minha vocação democratica e o da minha profunda cultura liberal. Mas, simples cidadão, sinto-me grande de toda a grandeza de minha patria (*applausos*), forte de todo o entusiasmo da minha intensa paixão liberal, para clamar: Se a bandeira á sombra de cujas tradições me eduquei, póde cobrir esta carga, eu rejeito-a com horror (*applausos estrepitosos*)... fujo e vou homisiar-me onde um circulo de patriotas qualquer me offereça um pouco de oxygenio, em que a minha consciencia respire. (*Applausos prolongados cobrem a voz do orador*.)

E se este projecto passar... Não, não passará! ... — (*Não! Não! — Applausos*) Estamos então num tumulto? (*Applausos*.) Mas, se passar, a minha voz, nulla como a estaes ouvindo (*contes-*

tações), a minha voz crescerá com o concurso da vossa, crescerá acima do marulho dos interesses negreiros, crescerá como a voz das graudes aguas do Amazonas (*applausos*), aorta immensa da liberdade neste paiz, para trevejar nos ouvidos dos nossos tribunaes: Tambem eu sou jurisconsulte (*longos applausos*); e, em nome da sciencia que aprendemos, vos digo: a liberdade não se revoga; esta lei é um attentado brutal contra a Constituição do imperio; não tendes o direito de executar a serieis o instrumento de um crime. (*Applausos.*)

Retrocedendo meio seculo para absolvição de contrabando humano, o projecto de 1885 recúa aquem do projecto de 1884, para destruir a conquista da liberdade já feita em prol dos sexagenarios. Vós sabeis o que essa conquista custou ao ministerio Dantas. Esse benemerite estadista, na serenidade de sua grande alma, quando se aventurou com essa idéa aos parceis da camara passada, deveria ter experimentado a sensação de Wilberforce, quando, no parlamento inglez, iniciou a sua agitação emancipadora. «Achava-me,» dizia elle, «na situação de um individuo que se metteu sob o ralo de um chuveiro, e está prestes a puchar o cordel para receber a duxa.» (*Riso.*)

Quem não recorda o granizo de projectis que lhe saraivou em derredor? O Sr. Sousa Carvalho, autor do voto em separado, via no projecto de



15 de julho «o supplicio da Constituição, uma falta de consciencia e de escrupulo, um verdadeiro roubo, a naturalisação do communismo, a ruina geral, a situação do Egypto, a bancarrota do estado, o suicidio da nação.» O Sr. Penido vociferara: «O Art. 1.º equivale á abolição immediata. É um torpedo, que fará voar pelos ares este paiz.» (Riso.)

Deeorrem mezes, e o honrado presidente do conselho nos vem dizer, no seu discurso-programma, que, mudada apenas a *forma*, o modo de dizer, o novo gabinete realisaria a emancipação dos velhos, com resultados identicos aos que o seu antecessor pretendia obter menos geitosa e mais imprudentemente. O ministerio 6 de junho naufragara numa imperieia de redacção. (*Hilaridade.*) O torpedo do Sr. Penido era apenas uma inhabilidade de linguagem no governo. (*Hilaridade.*) A dissidencia que, o anno passado, perguntava e respondia pelo orgão do Sr. Lourenço de Albuquerque: «Que é o ministerio 6 de junho? O ministerio 6 de junho é o projecto 15 de julho»—essa dissidencia revelou-se, afinal, nem mais nem menos, uma dissidencia rhetorica... uma dissidencia *grammatical*. (*Risadas.*)

O Sr. Dantas é um pêco estadista em materia de *moldes*. (*Riso.*) Tambem não sei como o meu eminente amigo se poderia sahir melhor. Pela minha parte, tenho ouvido com attenção pia quantos

serralheiros e alfaiates da nova reforma (*risadas*) andam ali a offerecer de graça a lição ambicionada aos pobres de espirito como eu, e... cada vez sei menos, senhores! (*Hilaridade.*) Começo por ignorar até agora se a obra seria de tesoura ou de fechadura. (*Hilaridade.*) Mas a letra do projecto Saraiva me parece que acaba por *fechar a questão.* (*Riso.*)

Que nos diz, com effeito, a letra do projecto? Que os velhos de sessenta annos serão obrigados, até aos sessenta e cinco, a mais *tres annos de serviços*, ou *cem mil réis em dinheiro.* O projecto Dantas dava-lhes a liberdade sem dinheiro, nem serviços. Então é só no *molde* a differença? Então o estofo é o mesmo? Liberdade aos sessenta, ou liberdade aos sessenta e cinco, liberdade gratuita, ou liberdade comprada, synonymos, synonymos... (*Riso.*)

Senhores, não é licito gracejar neste assumpto. Mas acreditee que a ironia me é um pungente sacrificio a esta causa: ella sae-me do coração com laivos de sangue. Não bastam, pois, sessenta annos de captiveiro? A tranquillidade da lavoura exige ainda mais cinco! A lavoura é então um corvo esfaimado a disputar ao tumulo a pelle e os ossos dos invalidos cuja vida sugou durante meio seculo? (*Applausos.*) Não, senhores, não é! E' a 12



politica que está explorando e deshonrando a lavoura. (*Applausos.*)

Mas estarão, ao menos, livres, no projecto, os escravos de sessenta e cinco annos? Tenho duvidas, senhores; porque lá não descobro a palavra de redempção. (*Apoiados.*) A eliminação do valor não é declaração de liberdade, não é extincção de propriedade. Nada obsta a que um desvalor seja objecto de dominio. Ha preços commerciaes e preços de estimação. O projecto suprime o valor de mercado; mas, desde que expressamente não desapropria, desde que não proclama explicitamente a liberdade, ao dono do objecto possuido subsiste o direito de allegar em juizo o valor de affeição, que póde não representar-se em dinheiro ou serviços, mas traduzir-se meramente na posse indefinida (*apoiados*); tanto mais quanto o nobre presidente do conselho acaba de fazer sublimado serviço á honra dos escravos velhos, arguidos até agora de malandrice, indisciplina e deserção, descobrindo-lhes um merito precioso: o de «*infundir respeito aos mais moços*» (*risadas*), utilidade natural, que deve proporcionar-se ao alvejar das cãs, duplicar na curvatura dorsal do octogenario, e chegar á sua plenitude na face tumular do macrobio. (*Riso.*)

O projecto não desapropria o escravo velho. Como, portanto, deixa este de ser propriedade?

Não lhe restitue a liberdade. Como é, pois, que o faz livre? Aliás, porque não pronuncia formalmente a expropriação e o resgate? Tem acaso a lei medo a palavras honestas? (*Applausos.*) Calcule os fructos que de si não dará esta maneira equivoca de legislar a liberdade, confiada aos juizes *inexoraveis*, marca dos d'Aguessaux de Campos! (*Applausos.*)

Quando o projecto de 15 de julho se delineou no parlamento, deu-se nas almas, entre livres e oppressos, um como crepusculo de madrugada tropical, quando a estrella d'alva scintilla docemente de alem por sobre os cabeços dos montes longinquos. E' que na face dessa reforma irradiava a emancipação dos sexagenarios, esperança, consolação e justiça. (*Applausos.*) O braço do ministerio Saraiva estendeu-se, e, como aquella mão mysteriosa dos livros biblicos, apagou o foco luminoso. (*Applausos.*) De onde veio ao nobre presidente do conselho essa potestade sobrehumana, para sellar de novo a tumba do captiveiro sobre noventa mil invalidos do trabalho servil? (*Applausos.*) De onde? Não é do seu partido, que deu ao gabinete Dantas 50 votos na camara, enquanto a dissidencia, mãe da crise das vaias, de que é filho o gabinete 6 de maio (*riso*), dispunha apenas de 10. Não é do parlamento, a cuja opinião S. Ex. lançou como sonda a *questão aberta*: tão mal lhe conhece as idéas! Não é da corôa, cujas predi-  
-23



lecções abolicionistas não são segredo para ninguém. (*Applausos.*)

Senhores, nesse excesso de pura confiança em si mesmo, que se trae na retrograda tentativa do nobre presidente do conselho, não vejo senão a cegueira dos preconceitos do proprietario servil (*applausos*), a que, mais do que a outros quaesquer, assenta a observação de Gæthe. As phrases que os homens se habituaram a repetir continuamente acabam por transformar-se em convicções, *ossificar os orgãos da intelligencia.*

Ponto por ponto, em toda a extensão da reforma, o projecto 12 de maio reage contra a obra libertadora do projecto 15 de julho: são a these e a antithese um do outro.

O projecto de 12 de maio não é, como quer o honrado Sr. Saraiva, o desenvolvimento da lei de 28 de setembro. Pelo contrario: recúa dessa lei e contraria a sua acção bemfazeja. A lei Rio-Branco estipulou o preço do escravo em sete annos de serviço. O actual projecto divide por equal esse valor em duas partes: metade em cinco annos de trabalho; metade na equivalencia de outros cinco annos em titulos de renda do estado. Digamos: dez annos de serviço. Dest'arte o Art. 6.º § 3.º do projecto de 1885 annulla o Art. 4.º § 3.º da lei de 1871. (*Assentimento geral*). Que proprietario hesitará entre os dez annos de serviço (ou sua

equivalencia) offerecidos hoje e os sete offerecidos então?

Mas... ia sendo injusto, senhores. O projecto estatue, a beneficio do escravo, duas *remunerações*. (*Riso.*) Está no seu proprio texto esse nome.

A primeira consiste em *roupa, alimentação e tratamento nas enfermidades*. (*Hilaridade*). Inimitavel, senhores! O projecto impõe ao usufructuario da actividade do escravo as attenções indispensaveis para que o instrumento humano não pereça antes de prestada a utilidade servil a que o condemnam, — e a isso denomina *remuneração ao escravo!* (*Applausos.*) O projecto — essa incognita do grande problema (*riso*) — faz aos opprimidos, cujo captiveiro assegura, a insigne mercê de não obrigar-os a comprarem á lavoura, que os vampirisa, o pão, o vestido e os cuidados ordinarios na doença! (*Applausos.*) Se esta reforma fosse elucubrada em Campos (já vejo), bem pôde ser que a usura negra lhes apontasse ao coração a faca de Shylock, para lhes cobrar em retalhos de carne ou no sangue vivo das veias o feijão, a tanga e a cama da enfermaria. (*Applausos.*) O projecto 12 de maio, porém, é mais humano. (*Riso e applausos.*) Constrange o senhor a proporcionar-lhes *de graça* o torresme, a aniagem e o medico. (*Hilaridade.*) Esta prodigalidade! Generoso, perdulario, adiantadissimo o projecto! (*Hilaridade.*) Eu não <sup>24</sup>



vou tão longe. Eu proporia que esses sacrificios fossem resarcidos aos fazendeiros pelo fundo de emancipação. (*Hilaridade.*) Não tranquillizava mais a lavoura?

Pois, senhores, não fica ali a munificencia do projecto. Ha ainda outra recommendação: uma *gratificação diaria*, que os regulamentos do governo se incumbirão de fixar. Isto é pratico! é profundo! é soberanamente serio! (*Riso.*) Cada escravo vae transformar-se em credor do seu proprietario (*hilaridade*); cada proprietario vae abrir a cada um dos seus captivos uma conta corrente do salario quotidiano. (*Riso.*) Quem velará pela fidelidade das contas? As repartições fiscaes? Os juizes de orphãos? As caixas economicas! Questão secundaria. . . O que se quer não são os *cinco réis* na algibeira do escravo, mas os cinco réis na lei, os cinco réis nos livros do fazendeiro, os cinco réis nas promessas do gabinete. (*Hilaridade.*) Contra os proprietarios impontuaes eu proporia conferir ao escravo o direito de executivo, com penhora immediata, independente de tentativa conciliatoria. (*Hilaridade prolongada.*)

Bem vêem, senhores: emendo como posso. Vantagens da *questão aberta*. . . (*Hilaridade.*)

Fallei em *cinco réis*. Vou mostrar-vos que a *gratificação diaria*, a que o projecto se obriga, não pôde chegar a tanto. (*Hilaridade.*) Fal-o-hei com

toda a precisão da certeza mathematica. Dei-me, senhores, ao ligeiro trabalho de organizar a tabella dos juros correspondentes, por anno, por mez, por dia, ás quantias outorgadas ao proprietario, em titulos da divida nacional, como indemnisação de meio valor do escravo, avaliado segundo a tabella do projecto.

Eis a minha tabella (*lé*):

Por escravo	Valor dos titulos	JUROS DA APOLICE		
		Por anno	Por mez	Por dia
De 1:000\$000	500\$000	25\$000	2\$083	60 rs.
De 800\$000	400\$000	20\$000	1\$666	34 rs.
De 600\$000	300\$000	15\$000	1\$250	41 rs.
De 400\$000	200\$000	10\$000	\$833	27 rs.
De 200\$000	100\$000	5\$000	\$416	13 rs.

(*Risadas.*)

Como vêdes, a renda do subsidio liberalizado aos fazendeiros para a reorganisação do trabalho (*riso*) importa diariamente, no maximo, em 60 réis. por escravo, descendo até o minimo de 13 réis. Tomo por média os escravos de 500\$000. A renda do titulo respectivo é de 12\$500 por anno, ou por dia 34 réis. Ora, sobre 34 réis a deducção de 5 réis para salario do escravo é uma enormidade: 95



equivale a quasi 15 % da renda percebida pelo senhor. Tomemos, porém, o maximo total da renda pelos escravos mais caros, os de 1:000\$000: são 60 réis quotidianos. Demos que dessa quantia o senhor não embolsa um real; admittamos que os regulamentos o obriguem a despejal-a integralmente no bolsinho do escravo. São *tres vintens por dia* de salario! (*Hilaridade prolongada.*)

Eis os tres vintens encarados pelo averso: um escarneo de justiça aos captivos. (*Applausos.*) Vejamos agora o reverso dos tres vintens: o lado que olha aos senhores. Tres vintens diarios — nem mais, nem menos — representam meio trabalhador, por isso que representam o rendimento do valor de meio escravo, cuja outra metade o projecto paga em cinco annos de serviço. A esse meio salario, que a reforma lhe propõe, o proprietario juntará a metade complementar: *mais tres vintens*. Ao todo seis, ao todo 120 réis por dia, repartidos em dispendio entre o agricultor e o thesouro. Eis o futuro salario, ou a equivalencia economica, do trabalho rural, no plano financeiro do projecto. (*Riso. Applausos.*) Aos lavradores que seriamente pensarem na transformação dos braços esta offerta não será um ludibrio? A quaes poderá ella, pois, satisfazer, senão aos perdidos, a quem, como ultima taboa de esperanza, não restá mais outro recurso, senão atirar com esses titulos

do estado ás guelas famintas da hypotheca? (*Applausos.*)

A escala de valores, no projecto de 15 de julho, era um alvitre liberal. Não afiançando aos senhores a venda certa do escravo pela taxa da estipulação official, essa medida era, contra as avaliações exageradas, eminentemente protectora dos captivos, cujo preço, em ultima analyse, vinha a ficar entregue á influencia natural das leis economicas. O projecto Saraiva oppoz barreira á acção dessas leis. Arredando a mercadoria humana do mercado ordinario, creando-lhe um mercado especial, privativo, illimitado a quantos vendedores appareçam, indifferente á offerta e á procura, regido por uma tarifa permanente de preços, — o projecto 12 de maio não protege senão os senhores, a quem privilegia com carta de seguro contra as consequencias inevitaveis da deterioração de uma mercadoria fadada a extincção imminente. (*Applausos.*)

Ha entre os dous systemas um abysmo: o primeiro olhara para o oriente, para o direito que nasce; o segundo volta-se para o occaso, para o abuso que declina. Um estendia mão amiga á liberdade que lucha; o outro offerece um salvaterio artificial a uma iniquidade que não se sacia. (*Applausos.*)

Quando condemnámos a taxa adicional que o<sup>25</sup>



projecto 12 de maio consagra, sae-nos ao encontro o nobre presidente do conselho, estranhando que essa resistencia não se tivesse manifestado contra o projecto Dantas, onde se nos depara idéa idêntica.

Erro, multiplo erro de S. Ex.

Primeiramente os tempos são diversos. Quando o chefe do ultimo gabinete iniciou a sua reforma, o pensamento de augmentar o fundo de emancipação encontrava acceitação geral, ainda entre abolicionistas ferventes. De então para cá, nestes doze mezes, o espirito publico adiantou-se um seculo (*applausos*), e o influxo dessa evolução não pôde deixar de ter penetrado no proprio animo dos autores daquelle plano de reforma. Emquanto a mim, dir-vos-hei: não vejo hoje indemnisação possível, senão *exclusivamente em serviços*. Estou com o illustre senador Ottoni, que chegou a esta idéa definitiva, depois de ter reclamado iterativamente, durante tres annos, o augmento do fundo manumissor, que hoje repelle. O nobre presidente do conselho atrazou-se: ficou com a opinião de um anno atraz, que já equivale á do seculo passado. (*Applausos.*)

Depois, não ha identidade entre a concepção do imposto adicional nos dous projectos. Ella diversifica profundamente de um para outro: diversifica no seu objectivo, na extensão da sua incidenci

e na duração dos seus effeitos. Differe no seu objectivo; porque, no projecto 15 de julho, o fim desse encargo publico era beneficiar os escravos, e no projecto 12 de maio é querrenar, á custa da nação contribuinte, as fortunas arruinadas na exploração servil do solo. (*Applausos.*) Differe na sua extensão; porque, no primeiro, elle vinha substituir o fundo de emancipação actual; emquanto, no segundo, vem accrescentar-se á massa preexistente de tributos, engravescendo a situação dos contribuintes. Differe na duração dos seus effeitos; porque, no projecto de 1884, esses sacrificios cessariam em se extinguindo a escravatura; ao passo que, no projecto deste anno, a taxa adicional continuará a ser cobrada ainda após a libertação total dos escravos, até remir-se completamente a divida proveniente da emissão dos titulos que a reforma autorisa.

No espirito do ministerio 6 de maio não ha, nesta questão absolutamente nada, senão isto: a preocupação da propriedade servil. Indemnisação, indemnisação e indemnisação, eis o seu lemma. Dir-se-hia que a historia contemporanea é a este respeito um livro em branco, onde os nossos reformadores não acharam nada que aproveitar. Ora, a historia da emancipação é uma negação da propriedade servil (*applausos*); 1º, porque varias nacionalidades emanciparam sem indemnisar: os 17



Estados-Unidos em 1865, Portugal em 1878, a Hespanha em 1870, 1873 e 1880; 2º, porque a indemnisação pecuniaria não se deu senão associada ao systema de emancipação por simultaneidade; 3º, porque, ainda nos casos de abolição radical, ha classes de escravos, cuja perda não foi compensada aos senhores: na Inglaterra os menores de seis annos, em França, crianças e velhos; 4º, porque, mesmo nos paizes em que se indemnizou a dinheiro, os proprios iniciadores e realisadores da reforma (haja vista a Inglaterra) confessaram depois que a indemnisação fôra concedida sob um erroneo presuppsto: o de acautelar a ruina das fortunas particulares, receio que os acontecimentos desmentiram.

Despresando as lições concludentes do passado, o nobre presidente do conselho vê as coisas a uma luz absolutamente diversa, e, sob o dominio dessa falsa visão, põe o talisman da reforma salvadora na celebre operação financeira, que pretende sobrearregar o paiz com a emissão annual de milhares de contos em titulos de renda, para espeque aos solares vacillantes dos agricultores endividados. O nobre presidente do conselho, que exime os proprietarios servis das multas em que incorreram por inobservancia da lei de 28 de setembro, julga de boa consciencia e de excellente aviso lançar sobre as costas das gerações futuras o fardo

de uma divida inventada para alliviar a ultima agonia de uma instituição morta em vida. (*Applausos.*)

Isto para a transformação regular do trabalho ! Já o Sr. Andrade Figueira advertiu a S. Ex. que esse novo auxilio á lavoura ha de infallivelmente derivar todo para as fauces dos credores. O nobre presidente do conselho contestou; mas não deu, nem podia dar, a minima plausibilidade á sua denegação. A experiencia dos juizes estranhos apoia irrefragavelmente o Sr. Andrade Figueira. A sorte que S. Ex. prediz á emissão Saraiva é a que a indemnisação pecuniaria teve, em sua maior parte, nas colonias francezas e inglezas. Isso está nos documentos officiaes; mas é facil de achar em qualquer livro de vulgarisação. Enquanto o credor hypothecario não estiver saciado, debalde verte-reis dinheiro e credito na algibeira do lavrador. (*Applausos.*)

Senhores, ha, neste projecto, uma idéa que define a exaggeração do seu escravismo. E' a de comminar *aos que acoitarem escravos* a multa de 500\$000 a 1:000\$000.

Esta disposição é inenarravelmente odiosa. O seu commentario pratico, o seu echo politico, a sua repercussão social está nos acontecimentos de Campos. (*Applausos.*) Quem nos definirá, por uma fórmula honesta e segura, o que seja *acoitar* es-



cravos? A fuga, no escravo, é um crime? Não: é a defeza natural; é o exercício de um direito que nenhuma lei, neste mundo, ousaria negar, e cujo sentimento não conseguireis extinguir, ainda quando pudesseis degradar a natureza humana até a bestialidade absoluta (*applausos*), pois ainda na pura animalidade a fuga é a incoercível revolta do instinto. Franqueardes a hospitalidade do vosso lar ao opprimido, que se vos prostrou aos pés com a lividez do terror nas faces, será incorrer em delicto? A indigna lei que o declarasse, não vigoriaria um momento na menos viril das sociedades humanas. (*Applausos.*)

Senhores, houve nos Estados-Unidos, entre as instituições ferozes do escravismo no sul, uma lei barbara e que ficou assignalada á indignação da historia sob o nome de *lei dos escravos evadidos*. Teriamos tambem a nossa lei de caça aos escravos, se este projecto triumphasse. (*Applausos.*) O criminoso, o malféitor, o condemnado podem procurar impunemente a liberdade; porque a jurisprudencia universal tem reconhecido na evasão um legitimo impulso da natureza; e, se lhe abrides as portas, se o acolherdes sob o vosso tecto, se o receberdes no gasalhado de vossa casa, movidos de piedade ou esperanza na rehabilitação do delinquente, não incorrereis em penalidade alguma; porque a lei que vedasse a caridade é que seria

digna da calceta. (*Applausos.*) Mas, se, quando, no círculo da vossa bemaventurança íntima, vos estiverdes revendo nos olhos da esposa, e acariciando os filhos estremecidos, um escravo, andrajoso, seveciado, espavorido, irrompendo subito, vos cahir de joelhos entre as criancinhas, que vos afagam, e a mãe, que vos sorri, é preciso esmagar o coração, afogar as lagrimas, carregar o semblante, e expellir o miseravel (*applausos*), ou amarral-o, para o entregar á justiça; que assim se prostitue este sagrado nome aos beleguins da instituição maldicta. (*Repetidos applausos.*) Quando não, o processó, a multa de um conto de réis!

Eu quizera saber se ha, neste auditorio, um covarde bastante vil, para obedecer a tal lei. (*Applausos.*) De mim vos digo: eu aborreceria meus filhos, e rejeitaria de minha alma a cara companheira de minha vida, se elles e ella não fossem os primeiros a estender sobre a cabeça do perseguido as asas tutelares dessa sympathia omnipotente, de que têm o segredo as mulheres e os anjos. (*Repetidos applausos.*) E se a lei, essa lei nefanda, batesse á minha porta para arrancar-me o foragido, e restituil-o aos seus torturadores, eu diria ao escravo: «Resisti!» — e os cães da lei perversa não penetrariam no meu domicilio senão, como os salteadores, pelo arrombamento e pelo sangue. (*Repetidos applausos.*)



He executar essa disposição nas províncias resgatadas: no Rio-Grande do Sul, no Ceará, no Amazonas. Não o ousaríeis. (*Apoiados.*) Como então nós poderíamos consentir que nos loasséis o asylo de nossos lares com uma selvageria de que a liberdade defende o territorio das províncias emancipadas?

Mas não é só ao negro, ao captivo que esta lei ameaça: é tambem ao cidadão livre, nas mãos do feudalismo que monopolisa a nossa riqueza agricola, nas mãos dos partidos, da policia, dos tyrannetes locais. (*Apoiados.*) Em comparação dessa arma perseguidora, que eram dantes a guarda nacional e o recrutamento?

Disse o nobre presidente do conselho que o seu projecto constituiu uma transacção liberal. Nunca! O projecto de 15 de julho era uma transacção abolicionista; o projecto 12 de maio é uma capitulação escravista. (*Applausos.*) Acabo de proval-o. Applae-lhe o critério do senso commum, que John Morley formulou no seu livro sobre as transacções politicas. (*On compromise*), e vereis que não pôde ser uma transacção o plano ministerial, quando *com uma das mãos dá alento e força á instituição cuja sentença de morte pretendeis escrever com a outra.* (*Apoiados.*)

Senhores eu relia, ha pouco entre antigas disensões da camara dos communs, o rol das muni-

ções de um navio negreiro, capturado no principio deste seculo pelos cruzadores britannicos e julgado boa presa pelos tribunaes inglezes. Havia a bordo 55 duzias de cadeados, 93 pares de algemas, 197 grillhões, não sei que enorme somma de toneladas em correntes de ferro, bem como—vide o zelo dos traficantes pela sande espiritual e corporea da carga humana destinada ás nossas fazendas!—um cofresinho de objectos de culto religioso e, para as urgencias sanitarias de 800 escravos amontoados nos porões durante uma viagem de semanas e mezes, uma ridicula ambulancia no valor de cincoenta mil réis. Senhores, eu vejo nesse navio funesto a imagem do projecto 12 de maio (*applausos*): cinco libras de drogas avariadas e uma provisãosinha de religião barata, para allivio aos captivos (*applausos*); para satisfação aos senhores a revogação tacita da lei de 7 de novembro, o desengano á esperanza dos escravos sexagenarios, a indemnisação multiplicada sob todas as fórmas, a aggravação da divida publica, o recrudesimento dos tributos, o sacrificio das gerações futuras á ganancia da geração actual, a repressão, mediante muitas arruinadoras, da caridade exercida para com os escravos. (*Applausos.*) Enfune o escravismo as velas ao barco negreiro; mas não queira desfaldar-lhe á prôa o estandarte liberal! (*Applausos.*)

Podemos, e devemos, senhores, observar a mais



larga indulgencia para com os individuos. Mas, na apreciação das idéas, na discussão dos problemas, na analyse das reformas politicas, aquelle que não tem a coragem de qualificar as coisas pelo seu nome, e, por condescendencias pessoaes, não abre os olhos á sua patria, é indigno da tribuna, e particularmente da tribuna popular. (*Applausos.*) Quando capitulei o projecto 12 de maio por uma imagem que suscitou queixas no circulo ministerial, obedeci a esse dever. Será então uma bandeira, e não um retalho negro, esse projecto? Que o diga essa gelidez despresadora, com que a opinião publica o vê passar, como fanfarra de parada official. (*Applausos.*)

As injurias dos malevolos são a primeira recompensa dos que defendem a verdade. Quando os patulêas extra e intra-parlamentares da colligação eseravista investiam contra os propugnadores do projecto 15 de julho, irrogando-nos a pécha de *inglezes assalariados*, eu propuz aos meus correligionarios no abolicionismo um *club dos inglezes assalariados*, para commemoração desses comicios glorificadores. (*Applausos.*) Diante da calumnia consciente vibrada por adversarios ignobeis, nós poderíamos exclamar como Wendell Philipps, lembrando a guerra de affrontas que envolvia os abolicionistas americanos durante a epocha da provação da grande causa. «Genio do passado»,

dizia elle. « não deixes apagar das tuas tabellas nenhum desses appellidos de honra. Nós os pressamos como os titulos mais seguros ao reconhecimento do genero humano. » (*Applausos.*)

Feliz seria eu, se o nobre presidente do conselho pudesse reclamar tambem como dignificações gratas ao seu nome a designação com que José Bonifacio definiu o ministerio 6 de junho, e as palavras com que eu caracterisei o seu projecto. Ainda mal! S. Ex. não pôde fazel-o: pois o honrado senador mesmo veio confessar que o seu projecto é um emprestimo das insignias inimigas, cerzidas á lanca do pavilhão liberal. S. Ex. disse: « Os conservadores, queiram ou não queiram, *não podem escusar-se á responsabilidade desta reforma.* » Disse-me uma pessoa de espirito que o caso era de Molière, e estava previsto no *Medico á Força* (*Riso.*) A bancada conservadora não se sabe bem como responderá definitivamente a S. Ex. Por enquanto, parece que não lhe desagrada o papel de Sganarello; e cada discurso conservador parece soar, como na traducção do poeta portuguez:

*Conforme: sou e não sou* (*riso*), ou na versão literal do Sr. Lafayette: *Póde ser que sim, póde ser que não.* (*Riso.*) O Sr. Andrade Figueira, porém, mais positivo, já redondamente desenganou o nobre presidente do conselho:



*Mas digam: por que motivo  
Hei de eu ser facultativo,  
Sem sel-o? (Risadas.)*

Todavia, o honrado senador persiste, e insta: «*Não ha nada mais conservador que este projecto. Elle é calcado nos mais puros moldes conservadores.*» O calcar contribue aqui para a energia-da phrase: a reforma não é só *vasada* nos mais genuinos moldes do concundismo: é *vasada e calcada*. Quer dizer que a materia plastica, o bronze das idéas saquaremas, depois de vertido no molde, passou por um processo de compressão especial, para que o artefacto reproduza os mais delicados contornos do modelo. (*Riso.*)

Senhores, não riamos. Essa declaração, pronunciada pelo nobre ministro, de que a reforma, recommendada por elle do alto da posição que lhe dá o partido liberal, é a mais irreprehensivel expressão do sentimento conservador, não se commenta. (*Apoiados.*) Se o parlamento não é de todo um simulacro; se os partidos não são simplesmente um rotulo da camaradagem parlamentar, essas declarações de S. Ex. infallivelmente acabarão por levantar contra elle unanimes as bancadas liberaes (*apoiados*), inclusive os signatarios do projecto, que provavelmente não n'ò teriam apoiado, se o tempo lhes permittisse aprofundar-lhe o meca-

nismo. Por mim, direi que essas proposições do nobre presidente do conselho fizeram-me verter o sangue das faces. (*Applausos.*) Se esta reforma é substancialmente conservadora, será uma provocação solicitar para o seu triumpho o apoio liberal. (*Applausos*) O estadista que propõe a um partido politico uma solução cunhada com o carimbo da escola opposta, abusa da consciencia dos seus amigos, convertida em *anima vilis* de um empirismo fatal ao regimen parlamentar. (*Applausos.*)

Se o projecto 12 de maio é substancialmente conservador, S. Ex. usurpa aos seus adversarios uma posição, que, nesse caso, ninguem lhes pôde arrebatár: cabe então aos conservadores promover a sua passagem. (*Apoiados.*) Se esta reforma é a condemnação de um principio rigorosamente conservador, os deputados liberaes que a acompanharem, perpetram, contra o partido que os elegeram, um acto de traição capital. (*Applausos.*) Vendem pelos trinta dinheiros do poder a honra dos seus constituintes. (*Applausos.*) Não exercem um mandato: falsificam uma procuração. (*Applausos.*)

Nem vale dizer o nobre presidente do conselho: «Esta idéa é *de todos.*» Não sei o que seja, em questões sociaes ou politicas, *uma idéa de todos.* E como poderia sel-o, se o honrado senador mesmo



observa que «o paiz está dividido entre *homens que querem* e *homens que não querem* a abolição?»

O nobre presidente do conselho disse aos conservadores da camara baixa: «Façam os senhores do projecto o que entenderem.» Aos do senado já deu S. Ex. ensanchas ainda maiores: «Vós discutireis a reforma, talvez até mais amplamente do que a outra camara; porque, licita ou illicitamente, sois os arbitros da politica neste paiz.» Assim essa fina essencia conservadora, depois de passar, na Cadêa Velha, por uma distillação severamente conservadora, subirá, nas retortas conservadoras do Campo da Aclamação, á mais ultrapura essencia do corcundismo. (*Riso. Applausos.*) Comprehando perfeitamente, pois, que o partido conservador tripudie na festa. Mas o partido liberal o que ficará sendo, senão a triste imagem de um apathico incuravel? (*Applausos repetidos.*)

Não sente elle casquinar-lhe aos ouvidos a *gargalhada de todo o mundo?* (*Riso. Applausos.*)

Accusam o ministerio 6 de junho por ter feito questão politica do projecto abolicionista. E' este precisamente o mais alto merito do seu governo. Se o Sr. Dantas o tivesse deixado á mercê das ondas, a reforma poderia estar feita, mas pelos conservadores com a dissidencia Moreira de Barros; e de semelhante reforma o paiz não tomaria conhecimento, senão para repudial-a como um baldão.

A questão politica determinou a dissolução; a dissolução trouxe ao parlamento uma incontestavel maioria projectista, que os conluios da alliança negreira dizimaram, uma serie de espoliações, as ultimas das quaes operaram-se á sombra do ministerio actual. Dissera-se: «A permanencia do Sr. Dantas é uma causa da irritação que ameaça os diplomas abolicionistas.» Caiu o Sr. Dantas, e os diplomas abolicionistas, não obstante, foram implacavelmente sacrificados. (*Applausos.*) Mas no calculo do gabinete 6 de junho não podia entrar a previsão de violencias como essas, que revivem as mais estrondosas depurações parlamentares do antigo regimen eleitoral. E, se não fossem ellas, a politica do ministerio Dantas vingaria, alem de outras, com uma vantagem suprema: a de impôr-se ao senado, firmado no paiz e no voto politico da camara popular. (*Applausos.*)

Inversamente, o gabinete 6 de maio inventou uma novidade absolutamente nova, a que baptizou com o nome barbaro de *questão aberta (riso)*, e cujo resultado será humilhar o ministerio em ambas as camaras, entregando numa e noutra a reforma aos conservadores e escravistas. Que parlamentarismo original é este? O nobre presidente do conselho diz: Tenho cá o meu calculo sobre o tempo que deve durar o captivo; agora o geito de operar a mudança nesse limite de tempo, isso



fica ao vosso cuidado. Senhores, o honrado senador troca os papeis. O que justamente pertence á competencia dos gabinetes é a habilidade, que as grandes assembléas não podem ter, de descobrir o mecanismo apropriado ás idéas capitaes de reformas, dominantes na camara democratica, de que o ministerio é a delegação executiva. Na hypothese vertente, a idéa capital é o termo limitativo da existencia do elemento servil. Essa devia nascer do parlamento. O mecanismo, a escolha dos *moldes*, isso é o que toca particularmente ao gabinete. Eis o que torna indispensavel a questão politica: ella é exactamente o unico meio de salvar a honra do governo, demonstrando que elle representa uma situação parlamentar, e dar um sello de autoridade superior ao voto da representação popular. (*Apoiados.*)

Questão *aberta* não é o que o ministerio 12 de maio e os seus amigos cuidam. *Open questions*, questões francas, *questões livres* chamam os inglezes, e, á imitação delles, os outros paizes de regimen semelhante, *aos assumptos em que se deixa aos ministros a liberdade de dicergirem uns dos outros*, em projectes de iniciativa do gabinete ou da camara. Se o honrado Sr. Saraiva quer dar aos membros do C de maio permissão de votarem contra o projecto de 12 desse mez, então emprega boa phrase.

Senhores, a gloria do abolicionismo está em ter sabido inspirar a um estadista como o senador Dantas espirito em que o tino compete com o poder da acção. (*Applausos.*) A gloria do senador Dantas consiste em ter convertido a questão servil no mais necessario de todos os nossos problemas de governo, impondo-o irresistivelmente a todos os gabinetes que lhe succederem. (*Applausos.*) Sincera ou falsamente abolicionistas, todas as reformas que após elle vierem, são outros tantos triumphos da sua politica, cujo termo fatal é a extincção do elemento servil. (*Applausos.*)

Do ministerio 6 de maio a historia dirá que a sua obra foi restituir a questão servil á agitação publica (*applausos*), apressar a abolição, contrariando-a, e desservir a lavoura, professando benéfical-a. (*Apoiados.*) Sim, senhores; porque, assim como o primeiro anno de resistencia tornou já insufficiente em 1885 o projecto abolicionista de 1884, assim a continuação da contumacia escravista, servida pela politica do gabinete actual, imporá, dentro em breve, ainda mais ampla latitude ás condições da reforma. (*Apoiados.*)

A idéa fixa do nobre presidente do conselho é socegar a lavoura. S. Ex. ainda não cogitou em socegar o abolicionismo. Sei que a extincção do captivo conta innumerous proselytos no seio da nossa agricultura. O nobre presidente do conselho<sup>34</sup>



(disse-o S. Ex. no senado) tem recebido telegrammas como este: «Projecto approved: possuiu 300 escravos. Sou testemunha de manifestações muito menos laconicas, muito menos avaras de expansão, muito menos poupadas no poste telegraphico, dirigidas ao senador Dantas, em adhesão ao projecto de 15 de julho, por senhores, não só de tresentos, mas de muitas vezes tresentos escravos. (*Applausos.*) Commetto esta indiscrição em honra da lavoura! Mas a lavoura não representa a opinião abolicionista, e, pela força irrefutavel dos interesses, desconfia d'ella, teme-a, resiste-lhe mais ou menos directa, mais ou menos energicamente. A situação pertence aos abolicionistas; porque são elles que a crearam, impondo aos partidos a reforma servil. (*Applausos.*)

O nobre presidente do conselho, portanto, vae caminho errado. Ha duas estradas para a reforma: tranquillisar o paiz ou tranquillisar os fazendeiros. Escolhendo tranquillisar os fazendeiros, S. Ex. inquieta o paiz, porque descontenta a opinião abolicionista. (*Applausos.*) Quando o ministerio de maio tiver conseguido produzir no espirito dos grandes proprietarios essa quietude absoluta, a irritação nas fileiras abolicionistas estará mais superexcitada que nunca. (*Applausos.*) A propaganda repercutirá por toda a parte os brados de rebate da nossa causa ameaçada (*applausos*); a

agitação estuará nas ruas mais procellosa do que nunca; porque essa corrente nacional, que tanto trabalho, tantos annos, tantos soffrimentos custou é nosso dever não consentir hoje que se desvie por um alveo falso ou se frustre em experiencias perigosas; mais facil nos será dominar com uma repreza de vime as cachoeiras de uma cataracta do que limitar com as nossas transacções parlamentares o curso do abolicionismo.

*(Acclamações estrondosas, repetidas e prolongadas.  
O orador é abraçado pelos membros da Confederação  
Abolicionista.)*



